



12900103328



FE

TCC/UNICAMP L375a

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Faculdade de Educação

Angélica Laurindo

A AUTO-ESTIMA COMO CONDIÇÃO:

um relato de tentativas, acertos e erros

Campinas
2007

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Faculdade de Educação

Angélica Laurindo

A AUTO-ESTIMA COMO CONDIÇÃO:
um relato de tentativas, acertos e erros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Do Val Toledo Prado.

Campinas
2007

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	ICC UNICAMP
	L375a
V:	EX:
TOMBO:	3328
PROC.:	145107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	22/11/07
Nº CPD:	11531

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L375a	Laurindo, Angélica. A auto-estima como condição / Angélica Laurindo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.
	Orientadores : Guilherme do Val Toledo Prado. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Afetividade. 2. Auto-estima. 3. Autoconceito. 4. Auto-imagem. 5. Relação professor – aluno. I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	07-535-BFE

Dedicado à Paola,
por ensinar tanto à sua professora.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é palavra doce,

Toda a minha doçura é oferecida às pessoas que fizeram parte dessa realização:

À família

Ari e Claudete... Obrigada pelo incentivo, pelo micro do escritório, pelo carro, pela grana do pedágio e por esquecer o terno no dia da festa de formatura...eu os amo!!

André e Adriana... Obrigada pela força, pelo carro e por fazer suas filhas acreditarem que tinham uma tia especial...

Roberto... Obrigada por todos os conselhos, mesmo sabendo que você ainda não colocou em prática nenhum deles!

Aos amigos

Heloísa, pelo apoio de sempre e pela "sociedade" no seu micro, sua amizade é muito especial pra mim!

As companheiras dessa aventura: Cristina, Lucília, Patrícia e Viviane... Eu não conseguiria sem vocês!

A amizade e paciência da Cris, o otimismo e leveza da Lu, a razão e emoção da Paty e a sinceridade e disposição da Vivinha, tudo isso foi fundamental pra mim. Obrigada!

Ao professor e orientador Guilherme

Obrigada por acreditar, e em especial, por fazer com que eu acreditasse! Sua amizade é um presente!

"As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos, e de dores."

RESUMO

O trabalho aqui apresentado procura demonstrar o caráter fundamental das relações afetivas em sala de aula com vistas ao desenvolvimento pleno da auto-estima, do autoconceito e da auto-imagem dos alunos.

Através de um relato de vivências anteriores e de uma situação vivida em sala de aula no ano de 2005 procura-se estabelecer relações entre a teoria e as práticas capazes de proporcionar um exercício de crescimento e mudança.

O trabalho ainda destaca as mudanças ocorridas nos envolvidos nesses relatos e exerce uma tentativa de entender como tais mudanças se deram e quais as suas conseqüências para alunos e professora.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
O início.....	10
Afetividade e cognição.....	17
A auto-estima como condição para conviver e aprender – um relato.....	22
A auto-estima, o autoconceito e a auto-imagem nas relações escolares.....	35
A auto-estima como condição para conviver e aprender – um novo relato.....	44
Considerações finais.....	53
Bibliografia.....	55

Introdução

As questões sobre afetividade, auto-estima, autoconceito e auto-imagem têm me “atormentado” no trabalho como professora, já me perguntei o porquê e cheguei a conclusão de que tudo o que vivemos fica na memória e pode afetar e transformar todo o percurso de uma vida.

Minhas questões se baseiam no quanto o desenvolvimento destes fatores são capazes de impulsionar e favorecer a aprendizagem dos conteúdos escolares e do reconhecimento das capacidades dos alunos e especialmente como minha prática educativa pode ou tem se desenvolvido por tais caminhos.

Durante algumas aulas do curso de Pedagogia – pefopex estas questões passaram a ocupar mais efetivamente meus pensamentos, reflexões e questionamentos.

Gostaria de buscar caminhos que me levassem como pessoa e como professora, a oferecer mais e melhores condições de afetar o meu aluno com o autoconhecimento e o desenvolvimento de sua auto-estima, fatores fundamentais para o sucesso dos processos de aprendizagem.

No desenrolar deste trabalho outras questões foram surgindo e novas reflexões foram se estabelecendo, atualmente a mais importante delas para mim tem sido:

Quanto conhecemos de nós mesmos para oferecer a outros um autoconceito positivo ou quanto temos de questionar nossa própria auto-estima para desenvolvê-la em outras pessoas de maneira coerente?

O professor, seja qual for sua postura, exerce a força de suas escolhas sobre os alunos e, ainda mais, quando atenta para as necessidades de dimensões afetivas.

Um professor torna-se figura grandemente significativa e influencia de maneira positiva ou negativa o olhar de outros sobre a criança e, especialmente o olhar da criança sobre si mesma.

Nas próximas páginas encontram-se entrelaçamentos das relações escolares vividas por mim e por alguns de meus alunos que podem ajudar a compreender melhor a importância do olhar do professor para suas próprias vivências e as de seus alunos sob a luz da afetividade.

O início

Quanta dificuldade se encontra quando se quer dizer às pessoas sobre o início das coisas. Pensemos bem, o início do universo, o início da vida, o início da aprendizagem...

Estou tentando agora contar como foi o início desse trabalho, o despertar da paixão pelos encontros e desencontros entre afetividade, auto-estima e aprendizagem.

Talvez não consiga ser tão clara e objetiva quanto gostaria ou, talvez as minhas palavras não sejam ainda suficientes para descrever de onde vim, por onde passei e para onde tentei ir neste trabalho, mesmo assim procurarei encontrar as melhores.

Na cidade onde nasci e ainda moro o desenrolar dos acontecimentos parecem ter um outro tempo, uma outra atmosfera. Foi nessa cidade que fiz o Magistério, hoje tenho certeza de que, na época, não tinha idéia do que estava começando, mas me emocionava quando minha mãe suspirava e dizia que as coisas mais lindas do mundo eram as professoras... Depois vinham as crianças!

E então a grande satisfação de contar às vizinhas sobre a nobre profissão da filha caçula.

Lembro que me sentia bem entre todos aqueles acontecimentos, e aulas, e trabalhos, e estágios e tudo o que envolvia o curso.

Minhas amigas de curso tinham longos cabelos claros, rostos lindos e corpos que faziam os garotos da escola suspirarem, além das mochilas e tênis de marcas

famosas e as conversas sobre a rádio que ouviam ou a discoteca que freqüentavam, onde, aliás, conquistavam os namorados.

Tudo isso estava muito distante da maioria das coisas que eu vivia, pois, meus cabelos nunca conseguiram ser tão longos ou claros, nem a genética permitiria tal feito, já que em minha família todos, incluindo os animais de estimação, eram negros.

Até onde sei os meninos nunca suspiraram por minhas curvas, e precisei juntar dinheiro por um tempo pra comprar uma mochila parecida ou um tênis que fosse similar aos que elas usavam, mesmo assim continuava tendo sentimentos de não pertencimento àquele grupo.

Mas havia um momento em que eu podia “reinar” em absoluto, adorava quando chagavam os dias de entrega de provas, eram meus momentos mais felizes, sabia que por mais que meus cabelos não se movessem lindamente com o vento, minha nota seria melhor, ou os comentários da professora sobre meus pensamentos seriam melhores.

Dessa forma aprendi logo que a única arma que eu tinha contra tudo isso, ou o único ingresso para participação naquele grupo era a minha inteligência e o modo como a minha aprendizagem se concebia.

E era nisso que eu pensava muitas vezes quando passava as tardes estudando didática no meu quarto em um bairro da periferia de Itapira – SP.

Como seria bom vê-las brigando para me ter em seus grupos de estudo ou para seminários e trabalhos. E isso acontecia de fato.

Acredito que eu tenha iniciado ali as minhas questões e rugas com a auto-estima, com o autoconceito e a auto-imagem, naquela época, minha motivação para conhecer era na verdade, pra conseguir mostrar que eu podia ser melhor em alguma

coisa, que me destacava em alguma coisa importante, até hoje não sei se consegui acreditar nisso de fato, ou se ainda tenho resquícios daqueles sentimentos.

Em nenhum momento do curso me senti incapaz, nada do que os professores propunham era difícil demais pra mim, eu sempre acreditei que conseguiria fazer e ainda mais, faria melhor.

Eu sentia que meus professores aprovavam meus comentários em sala de aula e, então cada vez mais era encorajada a fazê-los, até quando eu errava, alguns professores me diziam: *“Sua idéia é bem interessante, mas não se encaixa bem no aspecto dessa aula”*, então eu pensava que eles pareciam lançar mão de maior delicadeza ao comentar meu erro.

E assim construí certa “fama” com as colegas de longos cabelos, com os professores e finalmente com a minha mãe que já me dizia do alto de suas muitas vivências e poucos saberes escolares que eu era mulher, negra e pobre e se quisesse competir com as outras em alguma situação, teria mesmo de ser melhor do que elas eram.

E para sua satisfação era isso que ela ouvia em cada reunião de pais em que comparecia, onde os comentários eram feitos na presença de todos, acho que ela se sentia muito bem.

Finalmente os quatro anos de curso chegaram ao fim, infelizmente minha mãe já não estava presente quando me tornei, de fato, uma professora, porém levei sempre comigo aquela história de tentar ser melhor... Até hoje não consegui saber se isso tem me feito maior bem ou mal.

Algumas colegas foram direto pra faculdade de Pedagogia, eu, porém tive de esperar, já que como órfã, não tinha condições de pagar pelo curso superior.

Tive agora de conviver com as novas pedagogas e seus cabelos longos, mesmo assim ao prestar concursos municipais eu ainda passava em melhor lugar, e num desses concursos fui chamada para ser professora de Educação Infantil.

Então alguns anos após o término do curso, ingressei na rede municipal de Educação Infantil e passados os primeiros sustos da profissão pensava que tudo aquilo que eu sabia já bastava para que eu fosse uma boa professora.

Eu prestava atenção aos meus alunos, ouvia atentamente as instruções de minha coordenadora, estudava todos os textos das reuniões pedagógicas e principalmente ouvia as minhas colegas que eram professoras há mais tempo.

Tudo me parecia muito harmonioso, até que fiz um curso obrigatório pela rede municipal que não me fornecia respostas, embora me enchesse de perguntas, novamente me veio à memória minha mãe me dando aquelas recomendações sobre se destacar, mas desta vez estava sendo bem mais difícil.

Essa foi a primeira vez que me lembro de ter pensado sobre isso de maneira mais questionadora na minha vida e no trabalho na escola.

Comecei a perceber que os aspectos pedagógicos, assim como a vida, não podem ser tratados como receitas médicas - tome esse remédio e a doença se vai - a vida na escola não pode ser tão quadrada, com espaços tão iguais previamente preparados para serem ocupados por pessoas tão diferentes.

Terminei o curso com nota máxima, mas desta vez não tinha a sensação de que tinha cumprido a missão, ao contrário, me sobravam perguntas e me faltava conhecimento para respondê-las, eu queria mais e melhores argumentos do que aqueles que me ofereciam.

Depois de algumas buscas sem sucesso e por influência de uma amiga, me vi tentando passar no vestibular para o curso de pedagogia da Unicamp, meu coração disparava ao pensar em passar e ao pensar em não passar.

Passei, ou passamos, eu e Cristina, começamos 2003 como nunca havíamos pensado antes.

Nos primeiros dias de aula tive a clara sensação de que não fazia parte daquele mundo, era uma pedagogia muito diferente da minha e eu acreditava que desta vez, nesse curso, nessa universidade eu teria as respostas que procurava, então percebi o tamanho da ilusão - pobre de quem, como eu, busca respostas onde mas perguntas se oferecem a cada semestre.

Durante as aulas eu perguntava à Cristina, minha fiel companheira, como é que nós havíamos passado tanto tempo sem saber tanta coisa, outras vezes me perguntava se não teria sido melhor continuar na ignorância de certos fatos e conhecimentos.

Experimentei a verdade da frase que diz que o conhecer dói, eu senti boa parte da dor, entendi também que a dor não vai mais cessar, enquanto houver crescimento dos saberes.

Talvez eu nem tenha conhecido tanto assim, talvez não tenha crescido tanto assim, mas aquilo que conheci e cresci até já fazem a diferença entre o que fui, o que sou e o que desejo ser na vida e no trabalho de professora.

Durante todo o tempo em que estava na faculdade pensava muito em como ser mais "eficiente" no trabalho com as crianças, parecia que eu conseguia pouco delas, sempre terminava o ano com aquela sensação amarga de que poderia ter sido um pouco melhor, eu poderia ter dado mais atenção a isto ou aquilo...

Pensava sempre em como uma criança aprendia e a outra não se eu havia oferecido as mesmas atividades, a mesma atenção e o mesmo empenho.

Eu ainda não conseguia pensar que era preciso considerar as diferenças de cada uma delas.

Entendi mais tarde que tratar os alunos com igualdade, não é o mesmo que tratá-los como iguais.

É preciso tratar cada um de forma diversificada no âmbito de sua aprendizagem, às vezes a equidade se torna uma forma de exclusão.

Acredito que esta seja a parte mais difícil das relações escolares, determinar e atender às múltiplas necessidades pedagógicas de cada um.

Nesse tempo eu comecei a trabalhar também no Ensino Fundamental da rede municipal como professora substituta, o que eu não imaginava era a diferença que esse novo começo significaria para as transformações que viriam.

Todos esses pensamentos já perpassavam o foco que eu estava dando ao curso de pedagogia e ao meu trabalho, no segundo ano do curso é que tive a mais incrível das tomadas de consciência até então, foi numa das aulas de Didática – Teoria Pedagógica com o professor Luiz Carlos de Freitas.

Era uma aula que nos fazia sofrer, fosse pelo que ainda não sabíamos ou pelo que ficávamos sabendo, era sempre um “sofrimento”, eu anotava desesperadamente porque tinha certeza de que precisaria reler tudo aquilo pra ter certeza e tentar uma compreensão.

Aquele ar austero do professor e seu rápido raciocínio exigiam muito mais do que meu capital cultural podia oferecer no momento.

Mesmo assim, das muitas frases que tomei nota, uma me fez pensar em toda minha trajetória de vida e de professora, compreendi que as coisas poderiam mesmo ser diferentes, ainda há maneiras e motivos para que sejam.

É isso que pretendo mostrar com a apresentação deste trabalho, a tentativa de transformação das relações escolares para que as coisas sejam diferentes, talvez ainda não possam ser relações melhores, mas, certamente diferentes.

Para tanto, apresento um relato que vivenciei numa sala de aula que bem poderia ser de qualquer professor do país.

Acredito que o relato possa oferecer inquietantes reflexões e discussões sobre a auto-estima, o autoconceito e a auto-imagem e como tais conceitos quando levados em conta podem desencadear mudanças internas e externas, nos alunos e especialmente nos professores que como eu tenham uma vida profissional repleta de incertezas, tentativas, acertos, erros e... busca.

Afetividade e cognição

Por muito tempo a visão fragmentada de ser humano pressupunha uma grande dicotomia entre a afetividade e cognição, razão e emoção.

O dualismo de Descartes onde corpo/matéria são completamente distintos de alma/espírito/mente predominou sobre a visão de um ser humano que pudesse integrar essa dualidade, ainda que segundo ele, em alguns momentos uma face dependa da outra.

Esta visão cartesiana afetou os estudos sobre as emoções ficando separados os o afeto e a cognição como funções isoladas do funcionamento humano e para a psicologia ainda mais se fragmentou ao separar os estudos sobre o comportamento (ciências naturais) dos significados e desejos humanos (filosofia).

Como consequência dessas fragmentações, atualmente pode-se encontrar muito mais estudos sobre "como os seres humanos aprendem ou o seu funcionamento orgânico" do que "como os seres humanos sentem ou como são motivados", mostrando que para toda uma época a cognição era percebida em detrimento da afetividade e suas complexas relações.

Há algum tempo os estudos sobre as relações entre a cognição e a afetividade tem sido vistas com maior profundidade, autores como Piaget, Vygotsky e Wallon têm apresentado grande a relevância da afetividade para o processo da aprendizagem em suas teorias.

A concepção de um ser humano integrado, não fragmentado apresenta uma grande transformação das idéias anteriores e traz luz à fundamental reflexão

pedagógica sobre as relações entre os aspectos cognitivos e afetivos do processo de aprendizagem.

Para Wallon e Vygostky as interações sociais são imprescindíveis para a aprendizagem, o desenvolvimento do processo de aprendizagem apresentado por tais autores não despreza a dimensão afetiva como essencial.

Segundo tais autores os fenômenos afetivos estão entrelaçados aos fenômenos sociais do indivíduo, ou seja, suas interações.

Se as interações sociais são fundamentais para aprendizagem e têm estreitas relações com os aspectos afetivos pode-se então pensar que as relações que se estabelecem no interior da escola são também relevantes para o processo de ensino-aprendizagem.

As relações entre alunos e seus pares, entre professores e alunos e entre professores e professores fornecem interessantes subsídios do ponto de vista da formação da motivação para aprender, e para o desenvolvimento da auto-estima, do autoconceito e da auto-imagem.

Um ambiente e as pessoas que a ele pertencem podem contribuir ou não para que se estabeleça uma relação motivadora entre o aluno e o conhecimento de si mesmo e entre o aluno e o objeto de conhecimento. Tais conceitos estão entrelaçados de tal forma que não há como dissociá-los sem prejuízos cognitivos e/ou afetivos.

É o desejo, o motivo que impulsiona o querer no estabelecimento das relações com o objeto de conhecimento selecionado segundo seus interesses.

Fazer com o aluno seja realmente afetado pelo desejo de aprender é o objeto de conhecimento do que tenho chamado afetividade.

Para Piaget, a afetividade é concebida em sentido mais amplo do que as emoções e sentimentos, envolve também a motivação e a vontade, além de ter como função estimular o funcionamento dos aspectos cognitivos, como elemento energético.

O autor apresenta a inteligência e a afetividade como conceitos distintos, porém, indissociáveis, não havendo comportamento puramente afetivo ou puramente cognitivo. A afetividade interfere na inteligência à medida que a estimula, acelera ou adia.

Pensando nas conclusões de Piaget pode-se supor que as relações escolares nunca serão puramente em prol da aprendizagem ou em prol do desenvolvimento afetivo do aluno, dada à impossibilidade de se separá-las.

Toda atitude ou comportamento dos seres humanos que estão à volta na escola virá sempre carregado de expressões afetivas mesmo que o objetivo seja essencialmente cognitivo.

Conhecer essa dinâmica desencadeada pelas conclusões de Piaget acaba revelando novos caminhos para que se possam pensar as concepções de conhecimento e aprendizagem no âmbito escolar.

Quando há a percepção do real papel do professor em sala de aula como motivador das relações entre o sujeito e o objeto de conhecimento os olhares já não podem ser os mesmos quanto ao comportamento e atitudes que o professor desenvolva em sua sala de aula.

A escola, como se conhece, tem executado grande esforço para aprender e ensinar tudo sobre o conhecimento científico, inversamente tem apresentado tímidos conhecimentos ou estudos sobre o ser humano em sua afetividade ou conhecimento de seus alunos e também dos professores sobre si mesmos.

Dizendo sobre a ciência clássica oferecida pela estrutura escolar pode-se citar Sastre e Moreno:

"Definitivamente, os alunos e as alunas aprendem tudo aquilo que acreditamos prepará-los para a vida pública, mas não compete ao sistema educativo prepará-los para a vida privada; desejamos prepará-los para que tenham uma boa formação cognitiva, mas não fazemos nada para que também tenham uma boa formação emocional; desenvolvemos o seu pensamento para que possam entender o científico, mas não tentamos fazê-los compreender o cotidiano. (...)" pág. 132.

Há a necessidade de grande comprometimento em se fazer as mudanças possíveis para que a afetividade não seja mais tratada como um assunto de segunda categoria ao se pensar num processo de ensino-aprendizagem.

A auto-estima é a visão do sujeito sobre si mesmo, a escola pode então colaborar no sentido de abrir as cortinas para que o aluno possa se ver e se conhecer melhor, por vezes, tem sido a própria escola que tem tornado essa visão turva.

Como já dito, atitudes, comportamentos, gestos, emissão de julgamentos estarão sempre envolvidos por cargas cognitivas e afetivas, nenhum aluno poderá receber só uma delas, é necessário que se pense nas escolhas que se pode fazer quando se tem conhecimento da relevância desse fato.

É esse conhecimento que poderá fazer com que o professor conheça não só as dimensões cognitivas de seu aluno, bem como suas dimensões afetivas e assim, conhecendo os dois aspectos indissociáveis da aprendizagem e do desenvolvimento consiga melhores resultados na escola e na vida.

Talvez o aluno se transforme ou talvez as relações, talvez o professor, talvez a escola, talvez o currículo, talvez a pedagogia... Talvez a afetividade possa transformar tudo isso, não a afetividade em seu olhar pejorativo que traz consigo uma educação carregada de infantilizações, cheia de "inhos", mas uma afetividade que traga consigo um conhecimento real dos próprios sentimentos, emoções, motivações, desejos, vontades e potencialidades.

A auto-estima como condição para conviver e aprender – um relato

Como já relatei na primeira parte deste trabalho, os aspectos da afetividade, da auto-estima e da construção da identidade sempre me fizeram pensar durante meu trabalho como professora.

Minha questão é como minha prática educativa pode se desenvolver e mudar quando penso e considero os aspectos afetivos das pessoas que passam por mim como alunos.

Para isso relatarei um episódio que poderá me ajudar a refletir e discutir sobre esse tema.

No ano de 2005 trabalhei como professora em uma classe de 2ª série, por uma licença médica da professora titular e conseqüentes processos burocráticos da secretaria da educação do município.

Quando conheci os trinta e dois alunos fiquei sabendo por que nenhuma professora queria ficar com aquela turma, era um grande desafio.

Fui informada que aquela era uma classe que já tinha passado por, pelo menos três professoras naquele ano, sendo eu a quarta, os alunos já se conheciam bem, a maioria deles havia freqüentado a série anterior na mesma sala.

A diretoria da escola não havia conseguido ficar com a mesma professora naquela sala por muito mais do que duas semanas, e ainda estávamos no final de março.

Os grupos eram bastante fechados, as crianças se uniam para “boicotar” uma ou outra atividade que eles não gostassem como operações matemáticas ou exercícios de gramática.

Eu senti, e continuei sentindo muitos temores, pois era a primeira vez que me via como professora de Ensino Fundamental, minha experiência docente era com Educação Infantil.

Tive de me acostumar com pessoas que já não se deixavam entreter facilmente com um lindo livro ilustrado e que conseguiam questionar uma ordem com muito mais argumentos do que as crianças de quatro anos. Às vezes até eu concordava que a minha proposta realmente não era boa, e justa era a reclamação.

Alguns alunos até tentavam “dar uma força”, porém não era raro o dia em que eu saía para o corredor e pensava:

“... Mas o que é que eu estou fazendo aqui, se eu não domino o que eu estou fazendo, eu não sei dar aula para esta turma...”

Eram trinta e dois alunos, com alguns era possível estabelecer uma conversa clara e leve, sem coerções ou constrangimentos, com outros eu tinha de ficar cobrando o tempo todo para que deixassem de esconder os materiais alheios, para que trouxessem ao menos seu caderno e lápis para a escola ou para que parassem de agredir verbal e fisicamente os colegas.

Eu não conseguia me sentar durante as cinco horas do período letivo, passava o tempo todo correndo de um lado pra outro na sala para “apagar os incêndios” que ocorriam como brigas, discussões, etc., no horário de recreio, as reclamações eram por conta das agressões, do roubo de lanches e dos palavrões e das brincadeiras maldosas.

Os alunos pareciam sempre reservados em relação a mim, não havia muitos abraços ou beijos nos momentos de entrada e saída da escola, situações que eram comuns com as outras professoras da escola, não havia cartas ou desenhos ou quaisquer outras demonstrações de afeto por parte das crianças e, na verdade, ousou confessar que não tenho certeza se havia algum afeto de minha parte.

Esta relação "estranha" durou cerca de um mês, finalmente algumas das situações descritas no parágrafo anterior começaram a ocorrer, finalmente havia um vínculo sendo estabelecido.

Nesta classe conheci Paola, ela era um de meus maiores motivos de insatisfação e sentimentos de inutilidade, se com algumas crianças da turma eu conseguia estabelecer um caminho para que os trabalhos da sala acontecessem com ela eu não conseguia nada, sempre me via discutindo com alguém de quase oito anos que tinha melhores argumentos que os meus sempre. E como eu me sentia mal ao ter de admitir tal fato.

A Paola escondia materiais dos colegas, quebrava-os, falava palavrões, debochava de qualquer pessoa que a irritasse, brigava e batia em todos que olhassem pra ela por qualquer motivo que ela julgasse ameaçador ou irritante, se negava a fazer qualquer atividade proposta e ameaçava agredir fisicamente quem as fizesse, além de ser o cérebro mentor da maioria dos problemas do recreio.

Sempre com seu cabelo despenteado, a roupa que ela mesma havia escolhido e com a mochila cheia de brinquedos, pirulitos, chicletes, CD's e um caderno em que praticamente não se achava nenhuma folha em branco onde ela pudesse fazer alguma atividade da classe.

Paola passava o tempo enviando cartas com a única palavra que ela havia aprendido escrever além de seu nome, "cu", só com essas duas letras ela

conseguia fazer com que eu ficasse com muita raiva e os outros alunos muito ofendidos.

Assim que chegava à classe eu já me preparava para os “fatos novos” que ocorreriam naquele dia, que novas coisas poderiam me irritar ainda mais.

Não me lembro exatamente o que eu disse à Paola naquele dia, mas recebi uma resposta inesquecível e bastante firme:

“Sai do meu pé, tá olhando pra mim toda hora, já chegou estressada, essa chata, também não vou fazer nada, vou ficar de boa”.

Enquanto eu passava por toda essa loucura sem perspectiva de estava freqüentando a aula do professor Luís Carlos Freitas como já contei e sua frase naquela noite foi categórica:

“... Sem auto-estima a aprendizagem não ocorre.” Iniciou-se ali uma das minhas muitas dores do conhecimento.

Fiquei com a frase me “perturbando” e, durante minhas perturbações eu enxergava a Paola, seus comportamentos e suas dificuldades de aprendizagem.

Pensei nas grandes dificuldades da menina que não conseguia escrever seu primeiro nome corretamente, reconhecia meia dúzia de letras e vinha à escola *“pra conversar com os amigos por que não tinha mais nada legal pra fazer”*.

A escola, quase em sua maioria, era só “cara feia” para a Paola e, acho que ela se acostumou tanto com isso que nem ligava mais, achava engraçado e ria na “cara feia” das pessoas: diretora, inspetora, merendeiras, professora e quem mais aparecesse com a tal “cara feia”.

No dia posterior à aula na faculdade cheguei à sala com vontade de fazer alguma coisa para que a situação mudasse, com a Paola e a frase do professor na cabeça, fui avante sem ter nenhuma certeza sobre o quê, de fato, eu mudaria, minha

única certeza era que minhas atitudes definitivamente não estavam colaborando para a constituição da auto-estima da Paola.

Eu era quem tinha de mudar, porque talvez a Paola não tivesse tido oportunidade ou consciência plena para fazer isso.

A primeira mudança se deu quanto à distribuição do espaço físico da sala, quando cheguei para assumir a turma as crianças já se sentavam em uma espécie de paredões com oito carteiras unidas pelas laterais, eram quatro fileiras até o fundo da sala.

Até então nunca tinha pensado sobre a dificuldade de mobilidade que essa disposição de carteiras trazia.

Conversei com a professora que dividia a mesma sala no período contrário e, juntas tentamos pensar num modo de mudar as carteiras para que a mobilidade fosse maior e para que as crianças pudessem se ajudar sem se esbarrarem todo o tempo.

Confesso que pensei em discutir com a classe qual seria a melhor maneira de nos sentarmos, porém, logo abandonei a idéia... É preciso ter muita coragem e poucos temores quando alguém se propõe a trabalhar democraticamente e, naquele momento eu só tinha temores.

Decidimos então (eu e a outra professora) que as crianças passaram a se sentar em duplas, cada criança escolheu com quem gostaria de se sentar, embora eu tivesse muita vontade de fazer o meu mapeamento de lugares para que pudesse separar alguns grupos. Nós, professores também sabemos bem como abusar do poder que possuímos.

Naquele dia ninguém escolheu Paola como companheira de lugar, então eu a convidei para que se sentasse perto da minha mesa, embora eu ficasse bem pouco tempo lá e não tivesse certeza de que seria uma boa idéia.

Ela reclamou um pouco, jurou que não iria mais dividir suas guloseimas com ninguém numa tentativa frustrada de ameaçar os colegas e, com alguns gestos bruscos encostou sua carteira na minha mesa.

Naquele momento pensei que poderia estar fazendo a coisa certa, ou tentando, quem sabe não consigo conquistá-la estando mais perto?

Mais tarde compreendi que a conquistada fui eu...

O primeiro dia da mudança de lugares foi horrível, cheguei a pensar que eu tinha criado um problema muito maior, o barulho havia aumentado e a movimentação pela sala havia se transformado no passeio que as crianças mais gostavam.

Aquela movimentação toda me incomodava muito, porém, Paola passou muito mais tempo ali ao lado da minha mesa.

Após alguns dias ou passada a novidade pude perceber alguns momentos de calma e certa tranqüilidade na classe. Finalmente tive lampejos de melhora e a Diretora da escola já não olhava para a classe com ares de "deus me livre".

A Paola continuava sentada perto da minha mesa e eu já conseguia permanecer mais tempo ali para que pudéssemos conversar.

A primeira coisa que Paola me contou foi que havia discutido com seu melhor amigo da classe, pois ele a tinha enganado... Eu nunca tinha ouvido a Paola falar de modo tão doce e ao mesmo tempo tão ressentido de alguém, ao ouvi-la pensei que durante todo aquele tempo eu havia desconsiderado o que ela sentia, só considerando o que ela fazia.

Respondi que também já havia me sentido assim com alguns de meus amigos, disse que as pessoas podem nos magoar sem querer... Ela me ouvia enquanto continuava desenhando e às vezes me perguntando algumas coisas sobre minha vida. Acreditei que aquele dia foi bem proveitoso, conversamos bastante e fiquei conhecendo alguns de seus medos e suas dificuldades.

Tivemos muitas conversas, decidi que não iria mais forçá-la a tentar executar as atividades da classe, tentaria esperar que ela tivesse vontade de fazer isso.

Numa dessas conversas a Paola me deu as provas concretas da veracidade da frase que eu ouvi na minha aula na faculdade. A criança me disse que sabia que os outros alunos aprendiam e que ela não conseguia, mas também já tinha tentado, me disse que tinha medo de não aprender nunca e ter de trabalhar na roça, medo de que ninguém quisesse brincar com ela se ela não soubesse ler.

Naquele dia senti menos raiva de toda aquela indisciplina e mais vontade de procurar um meio de ser realmente a professora daquela criança que mal conseguia escrever seu nome.

Não sei dizer se alguma coisa mudou no meu tom de voz, semblante ou gestuais, mas passei o restante da tarde pensando em como ajudá-la, queria mesmo que alguma coisa mudasse.

No dia seguinte Paola chegou cedo à escola, tinha comprado caderno novo, estava de banho tomado, cabelo lavado e penteado e com um sorriso que eu ainda não conhecia. Correu pra fila, agarrou a minha mão, me cumprimentou com certa alegria, me deu um pirulito e eu fiquei pensando o que poderia ter acontecido.

Não agüentei todas aquelas demonstrações e perguntei o motivo de tanta alegria ao que ela rapidamente me respondeu:

“Larga mão de sê tonta, não aconteceu nada...”

Durante o restante do período de aulas a Paola sempre se sentou perto de mim, posso dizer que nos tornamos amigas, havia certa relação de cumplicidade, comecei a compreender alguns motivos que levavam a Paola a escolher algumas atitudes.

Na maioria das vezes Paola me esperava no portão da escola ou como ela dizia:

"Pra ver se não é professora substituta hoje..."

Recebi alguns bilhetes que ainda guardo, alguns deles contendo verdadeiras declarações de que aluna também teve consciência de sua mudança, situação que conduz à crença de que as mudanças ocorridas não foram apenas circunstanciais, mas perdurariam.

Recebi também alguns longos e calorosos abraços e uma relação muito diferente da anterior.

Professora

me desculpe por tudo que eu
fiz mas te agradeço por que você
fiz por mim e
te amo

ASSINADO: Paola

Esse é um dos bilhetes que foi feito pela aluna com o auxílio de uma de suas novas colegas de sala como escriba, já que nessa nesse tempo Paola ainda não possuía uma escrita alfabética.

Descobri que aquela aluna era uma garotinha divertida, já não carregava o olhar pesado e ria mais que a maioria das crianças, conseguia estabelecer relações, conseguia opinar sobre os assuntos da classe, já conseguia explicar suas idéias e, especialmente conseguia ser ouvida por seus colegas de classe com mais atenção.

Sua sensibilidade pôde ser melhor notada em ocasiões em que seus colegas se sentiam mal por algum motivo e ela era a primeira a se dispor a consolar, oferecer ajuda, fazer favores, além de às vezes se entristecer muito com alguma atitude de seus pais e chorar escondido das outras crianças.

Agora, ela já ao era mais a excluída dos grupos e passou a ser “escolhida” como companheira de atividades e brincadeiras.

As agressões físicas e verbais diminuíram significativamente e, na maioria das vezes, Paola tratava a todos com respeito e até carinho. Eu percebia o esforço que ela fazia para se controlar e não responder agressivamente a uma frustração ou irritação entre colegas.

Não foram raros os momentos em que eu ouvi:

“Eu não quero bater nele, mas faz tempo que ele está me provocando, me deixa sair um pouco, tô ficando nervosa...!” ao invés de:

“Bati mesmo porque ele me provocou e tava merecendo.”

Sentia-me realmente vitoriosa quando isso acontecia, tenho certeza de que a Paola também se sentia muito melhor quando voltava para a sala de aula.

Como já relatei Paola ainda não conseguia escrever sozinha, e continuava a pedir que as colegas de classe escrevessem os bilhetes que ela queria me enviar, em um deles eu li:

“Angélica, você é muito mais legal agora. Paola”.

Depois desse bilhete pensei que eu realmente havia feito algo que pudesse ser o gerador de tais transformações e o mais interessante de tudo era que a própria aluna tinha realmente percebido o meu esforço, assim como eu percebera o dela.

Passamos a ser quase como cúmplices na construção dessa relação tão especial entre duas pessoas, professora e aluna.

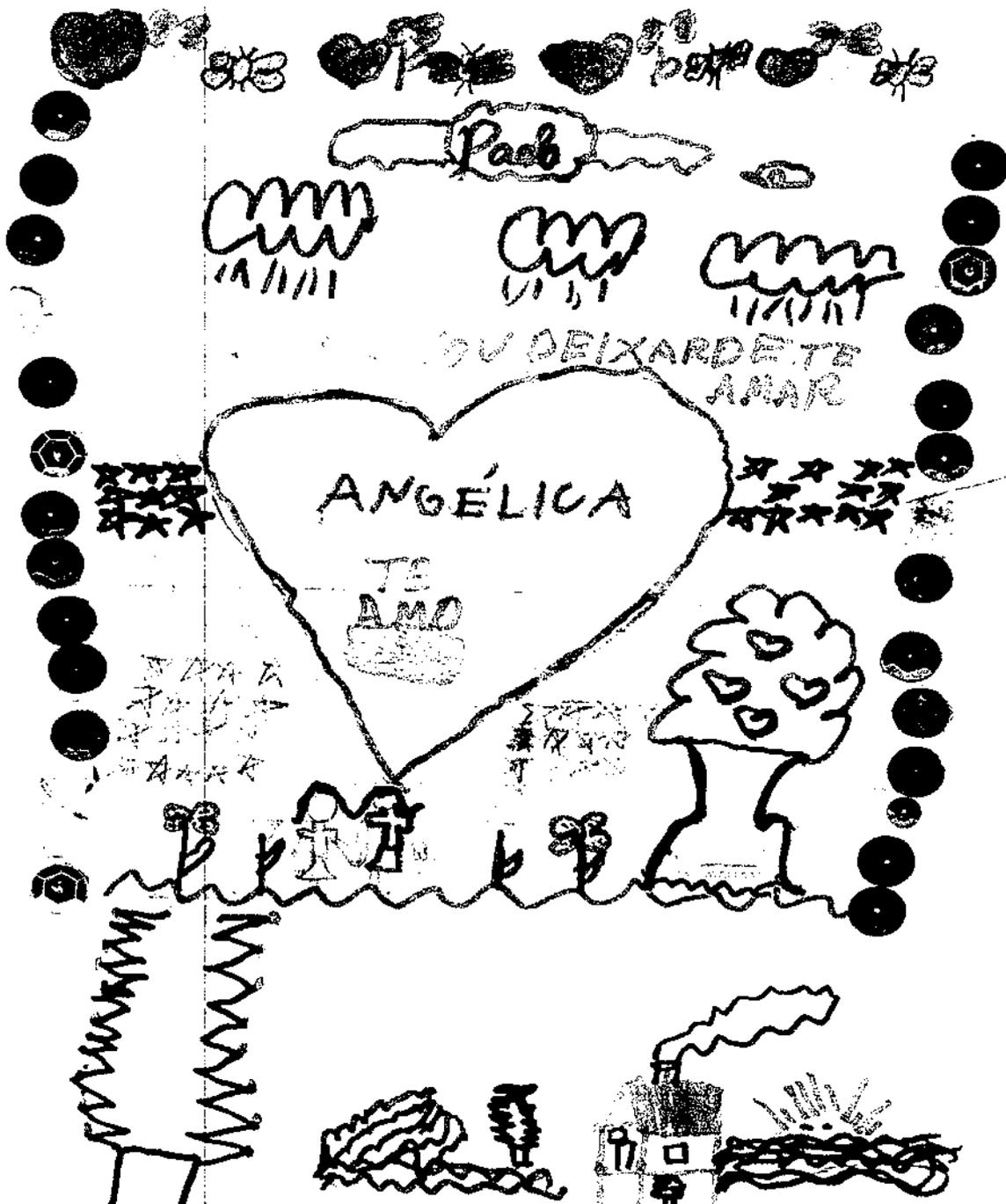
Acredito que Paola, através das interações com colegas e professora passou a crer que também poderia participar de maneira mais intensa das atividades da classe e assim também poderia construir suas idéias e seu conhecimento.

Sei que não fiz nada grandioso, tenho certeza de que outros alunos daquela segunda série também precisavam de uma atenção mais especial do que aquela que eu pude oferecer, porém, percebi que podemos participar de grandes transformações quando mudamos nossa postura e nossos como professores, conseguimos muito quando consideramos os sentimentos que envolvem aquela pessoa que no momento é nosso aluno.

Diante de todos esses acontecimentos, minhas questões sobre afetividade e auto-estima só cresceram e quando vou buscar respostas a elas vejo que aprendi muito, convivendo e participando das transformações de Paola.

Talvez a história pudesse ter maiores e mais significativas conquistas se eu tivesse olhado primeiro para a pessoa que sente e, depois para a aluna que perturba.

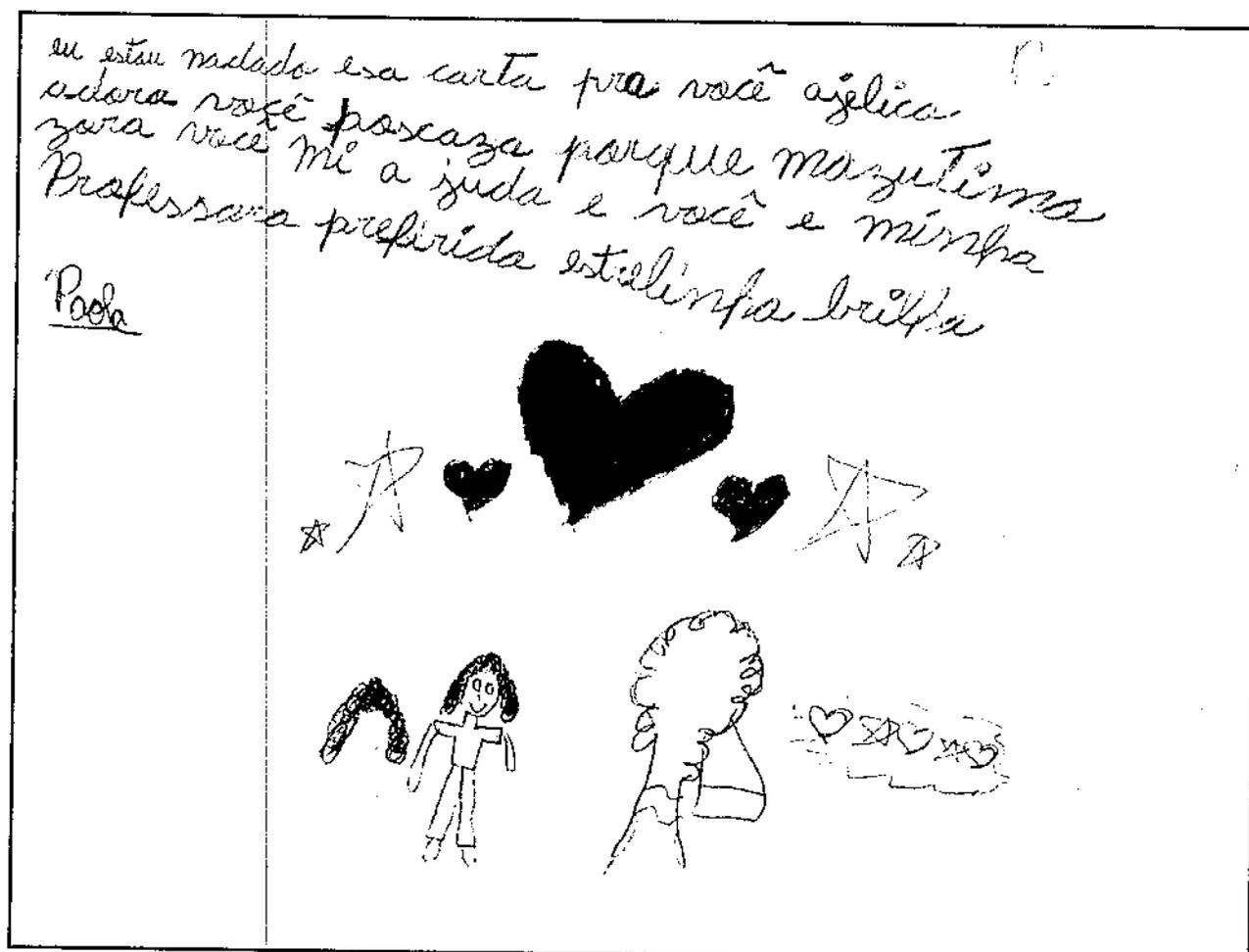
Não pretendo com este relato resolver ou afirmar que todos os problemas das relações escolares devem ser vistos ou solucionados a partir da afetividade e da auto-estima somente, nem mesmo posso dizer que Paola, a protagonista, se transformou em uma aluna exemplar num piscar de olhos, porém, posso dizer que a relação distinta fez alguma diferença nas vidas e nos sentimentos envolvidos.



Esta foi uma das cartas enviadas em novembro de 2005, depois de uma conversa na qual Paola me conta secretamente sobre uma briga com um dos amigos da classe e de como ela se sentia mal por ter discutido com ele.

A expressão desses sentimentos já não era tão rara quanto no início de nossas atividades, Paola agora conseguia reconhecer e nomear os sentimentos que a incomodavam e, para mim, esse foi um dos grandes passos em direção à construção do autoconceito e da auto-estima.

Paola tinha receios quanto à sua nova professora e os seus novos desafios na próxima série que freqüentaria, em nossas conversas sobre esse assunto tentei mostrar o quanto ela já tinha crescido e aprendido no ano em que estivemos juntas, quantos novos amigos ela havia conquistado só por ser ela mesma, e como nós duas estávamos diferentes só por termos nos conhecido.



“Eu estou mandando essa carta pra você Angélica adoro você por causa porque nas últimas horas você me ajuda e você é minha professora preferida estrelinha brilha. Paola.”

No final deste mesmo dia encontrei esta carta em minha bolsa, desta vez já escrita por ela mesma que já não precisava mais da ajuda das colegas como escribas para suas cartas.

O que se lê nesse bilhete é para mim uma das mais belas provas de que nas relações escolares não lidamos somente com conteúdos, lidamos também com sentimentos.

Nem eu, nem Paola passamos por esta experiência sem que nada fosse transformado, nem eu, nem ela saímos ilesas...

A auto-estima, o autoconceito e a auto-imagem nas relações escolares

A auto-estima merece destaque nos aspectos do desenvolvimento humano, e tem tido maiores espaços entre as pesquisas educacionais.

Quando se faz uma pesquisa rápida sobre o assunto pode-se descobrir desde livros de auto-ajuda até cosméticos e clínicas de cirurgia plástica que dizem tratar e até mesmo resolver definitivamente o assunto em questão.

A questão que se apresenta é o que é na verdade a auto-estima? É só um gostar de si mesmo, ou perpassa outros conceitos? Pode a auto-estima realmente ser alterada ou até mesmo melhorada? E na escola, quais as implicações de um processo pedagógico que leve em consideração as questões anteriores?

Tentarei aqui tecer algumas relações entre os conceitos de auto-estima, autoconceito e auto-imagem e os relatos apresentados de forma que se possam fazer entender, ao menos um pouco, como as mudanças ocorreram na minha vida e na vida de Paola, sob o olhar da afetividade. Espero ter sucesso em tal exercício.

Apresentei anteriormente o relato de parte de minha vida de estudante e de como cheguei a pensar e me inquietar com as questões que envolviam a afetividade e a auto-estima na escola e na vida, apresentei também um relato de tentativas, acertos e erros numa segunda série do ensino fundamental tendo como protagonista Paola, uma das alunas da classe.

Tem sido muito difícil tentar estabelecer relações coerentes entre estas duas situações vividas, e precisei compreender melhor o que é a afetividade e a auto-estima em alguns de seus aspectos.

A autora Maria C. C. Araújo apresenta definições bastante coerentes e que sugerem significativas reflexões sobre as implicações da auto-estima, do autoconceito e da auto-imagem no cotidiano das pessoas e especialmente no cotidiano escolar. Segundo Araújo:

*"Autoconceito: é o conhecimento de si mesmo que a ação construtiva do sujeito estrutura em sua **inteligência** e expressa como atitude positiva ou negativa diante de sua auto imagem"* (pág 38 – grifo acrescentado)

*"Auto-estima: é a carga energética de **afeto**, positivo ou negativo que acompanha o indivíduo e a visão que o sujeito expressa em relação a si mesmo"* (pág.42 – grifo acrescentado)

*"Auto-imagem: é o retrato ou perfil psicológico de si mesmo que a ação construtiva do sujeito reorganiza permanentemente e conserva em sua **memória** como resultado das interações vividas no passado, ao longo de sua história de vida".(pág. – grifo acrescentado)*

As palavras destacadas no texto – inteligência, afeto e memória – apontam alguns dos aspectos envolvidos em qualquer relação humana, e mais ainda nas relações professor-aluno, é com estes três fatores que qualquer profissional da educação lida constantemente em seu trabalho, todos esses aspectos coordenados entre si, perpassam os olhares e as reflexões sobre o processo de aprendizagem.

Cada aspecto do trabalho do professor envolve estas três dimensões em conjunto ou em separado, e às vezes, mais uma do que outra.

Não é difícil nos depararmos com situações em que se exige do aluno que, naquele momento, use somente sua inteligência para executar dada tarefa, como se o ser humano pudesse ou conseguisse usar uma só de suas dimensões.

Talvez a escola ainda exija tal postura do aluno porque tem ainda apresenta grandes dificuldades em observá-lo como ser humano integrado, indivisível nos aspectos de inteligência, afeto e memória.

Como já citei em meu relato de estudante, pude vivenciar alguns fatos que atualmente me fazem pensar sobre estas questões. Consigo pensar nos motivos que me levavam a querer ser melhor nas tarefas escolares, penso que meu autoconceito foi construído sobre pilares que pressupunham superação, porém nunca consegui mostrar quem realmente eu era, e o que realmente eu desejava aprender ou desejava ser.

Estar com a Paola e refletir sobre os acontecimentos que vivemos juntas fez com que eu visitasse minhas memórias e tentasse compreendê-las melhor, ou com um novos olhares os porquês de algumas situações vividas, trouxe uma maneira diferente de pensar sobre o desenvolvimento de minha própria auto-estima e como adultos - professores ou pais - interferem grandemente nessa construção, dependendo do que esperam que aquela criança seja.

Talvez o que se esperava de Paola era que somente aprendesse a ler e a escrever. Talvez nem eu mesma esperasse que ela se transformasse também do ponto de vista das capacidades humanas de sentir e afetar-se pelo que está acontecendo consigo e à sua volta.

Os julgamentos emitidos por professores para o aluno têm maior relevância do que se pode imaginar.

Eu mesma nunca consegui fazer uma avaliação de mim mesma que não tivesse sido baseada em algo que um outro sujeito houvesse dito sobre mim, portanto, se recebo elogios acredito que me saí bem, caso contrário, tenho certeza de que não executei a tarefa a contento.

Paola falava com convicção que não conseguiria aprender certamente porque pessoas que lhe eram significativas construíram e confirmavam esse conceito.

O professor, entre outros, é figura significativa que pode estar contribuindo para uma confirmação de um autoconceito negativo em seus alunos, através do poder exercido por ele pode-se conseguir que uma criança acredite ou não em suas capacidades.

É bem verdade que os problemas escolares não se resumem ao desenvolvimento precário do autoconceito, porém, muitos deles, como os de Paola, residam na crença precipitada de que o aluno não é capaz de se autoconhecer ou de conhecer o mundo enquanto aprende o conteúdo que a escola oferece.

As mudanças que ocorreram com Paola não foram grandemente percebidas se o que se busca observar são notas, menções e a evolução “esperada” para uma aluna de segunda série, porém, quando se compara o sujeito com ele mesmo, ou seja, o ponto de partida e os processos vividos por Paola o resultado é muito significativo e motivador.

As atitudes que trouxeram à tona uma Paola mais consciente, comunicativa, alegre e confiante foram se dando no decorrer do tempo, sem ensaios, sem fórmulas e na maioria das vezes usando os meus próprios sentimentos como norteadores de minhas ações.

Acredito que conquistava a confiança da aluna na medida em que conseguia me colocar em seu lugar e tentava enxergar os acontecimentos de sala de aula sob

o olhar dela, me surpreendi muitas vezes pensando no que sentiria, como faria, o que responderia se estivesse vivendo a mesma situação.

Essa talvez tenha sido minha maior dificuldade, percebi que como professora me sentia "superior" aos meus alunos e uma atitude como essa nos impede de respeitá-los, aceitá-los e demonstrar real interesse por eles, situação que contribui negativamente na construção do autoconceito.

"... Avaliações que as pessoas fazem sob si mesmas estão relacionadas, diretamente, às formas como elas são avaliadas pelos outros que lhe são significativos, no decorrer da vida, portanto, a quantidade de respeito, interesse e aceitação que um indivíduo recebe de outros, em especial, dos que lhe são significativos é um dos mais importantes fatores na construção do autoconceito"
pag.45

O autoconceito se constrói nas interações e, pode ser construído positiva ou negativamente pela qualidade das interações que o professor consiga estabelecer com o seu aluno.

A relação entre professor e aluno pode e deve ser baseada no pressuposto de que o aluno sempre pode crescer e aprender um pouco mais no conhecimento de si mesmo e do conteúdo a ser aprendido.

Acredito que quando minhas atitudes em sala de aula se davam pensando nisso é que consegui com que Paola arriscasse escrever outras palavras, exercesse outras relações com colegas de classe ou tentasse fazer outras atividades que não fossem aquelas que eu sabia que ela ainda não tinha estruturas para executar.

Dessa forma acredito que ofereci subsídios para que ela se fortalecesse em seu autoconceito e começasse a questionar se era verdadeiro o fato de que não aprenderia.

Percebi que eu e Paola tínhamos alguns medos semelhantes, ambas sofriam por sentirem que não faziam parte do grupo e precisavam da aprovação de alguém para que tivessem algum sentimento de pertencimento.

Em uma de nossas conversas com as mesas unidas ela me perguntou: “...Se eu não conseguir aprender o que você ensina vou ter de ficar na segunda série pra sempre ?..Dai vou trabalhar de fazer o quê?...” naquele momento percebi que aquela não era a fala da criança e sim de um adulto que tinha outras prioridades e entendia o propósito da escola como formador de bons trabalhadores.

Respondi à Paola que as pessoas são sempre diferentes, aprendiam de maneiras diferentes e aprendiam coisas diferentes e é essa diferença que torna cada pessoa tão especial, disse à ela que cada um pode ser aquilo que deseja desde que esteja pronto para saber qual é o SEU desejo e não o desejo dos outros.

Emocionei-me com a pergunta da aluna e ao mesmo tempo pensei se eu mesma estava fazendo escolhas que realmente desejava ou se outras pessoas ainda estavam desejando por mim, compreendo agora que desenvolver o autoconceito, ou seja, conhecer-se é um processo que perdurará por toda a vida, repleto de dúvidas e questionamentos.

O professor pode contribuir para a motivação do aluno em conhecer-se melhor e conseqüentemente desejar novos saberes sobre si mesmo e sobre o mundo.

Segundo Cláudio Saltini:

“O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri., dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. pág. 70

O autoconceito é alimentado de processos cognitivos e informações que o indivíduo recebe de vários lugares em várias circunstâncias.

Tudo o que é expresso com palavras, atitudes, gestos etc. são carregados de informações que o indivíduo receberá e acabará por aceitá-las como verdades sobre si mesmo.

Segundo Lúcia Moysés:

"Há de fato, "muitas vozes" ao nosso redor, vozes que vão plasmando nosso conceito sem que o percebamos. Surgem nas mais diferentes situações. Em meio a uma briga, uma brincadeira ou a um simples comentário, essas vozes dizem coisas que nos calam no fundo do coração. Internalizadas, transformam-se mais adiante, na nossa própria voz." pág. 22

É preciso que o professor reflita sobre as informações que têm passado a seus alunos sobre eles próprios, talvez estas informações sejam mais negativas do que motivadoras determinando que um autoconceito negativo se consolide cada vez mais.

Nesse momento é que se pode estar com alunos que, como Paola, dizem ter certeza de que não conseguirão aprender, ou que não são inteligentes, que não conseguirão executar a tarefa proposta.

O professor que desconhece ou negligencia conceitos tão importantes para a constituição das pessoas pode acabar por obrigar seus alunos a conquistar muito menos do que poderiam e, a ver-se de modo desvalorizado, ou vindo as vozes que estão à sua volta e têm se expressado de maneira equivocada embora os objetivos (em discurso) proponham exatamente o contrário.

Que relação abusiva pode ser essa, valer-se de fragilidades de alguém que ainda não têm consciência que as possui.

Talvez essa não seja uma opção consciente, talvez o professor creia que poderá conseguir melhores resultados se conseguir se mostrar mais forte ou poderoso do que seu aluno. Talvez não conheça outras maneiras. Talvez necessite refletir sobre a formação de seres humanos antes da reflexão que se faz sobre os problemas de aprendizagem do aluno.

O real interesse do educador pela pessoa e por sua constituição como ser humano, o respeito ao sujeito em seus sentimentos o torna capaz de aprender e conhecer tudo o que desejar e essencialmente capaz reconhecer suas potencialidades para isso.

"O principal objetivo da educação é o desenvolvimento pleno da pessoa humana e, para a sua satisfação, é fundamental trabalhar a imagem que temos de nós mesmos e a valorização dessa imagem. (...)" Araújo

Quando se parte do pressuposto de que a aprendizagem é tarefa possível para todos, pode-se motivar o sujeito que aprende a conhecer melhor suas potencialidades e fazer uso consciente delas.

Este, sob meu olhar, tem sido o maior desafio colocado aos professores, é a predestinação da não aprendizagem que rotula e rouba a auto-estima e conseqüentemente o desejo do aluno e do professor de romper tal barreira.

Foi preciso tempo, paciência e muita serenidade nas tentativas de que eu e Paola rompêssemos as barreiras da predestinação, ela já havia ouvido e internalizado as vozes que diziam de sua não capacidade para aprender ou para conviver, eu já havia ouvido as vozes dos outros alunos que confirmavam o que Paola dizia e também as minhas próprias vozes gritando que provavelmente eu seria incapaz de conseguir um pouco mais com aquela aluna.

É preciso conhecimento, verdadeiro interesse pela formação da pessoa que, grande dose de aceitação de si mesmo e do outro, sensibilidade e serenidade.

Obviamente não são atitudes que se pode conseguir num estalar de dedos, porém, não são impossíveis.

A autora Lucia Moysés oferece interessante reflexão sobre os benefícios de um trabalho com vistas ao desenvolvimento da auto-estima:

“Há na sala de aula certas situações em sala de aula que podem ser mudadas pela ação da vontade. O nível de auto-estima da turma é uma delas. Um professor interessado, conhecedor dessa temática, poderia desenvolver com seus alunos, uma ação voltada para o aumento desse nível. Sendo bem sucedido nessa empreitada, o seu sucesso poderia funcionar, então, como indício externo do seu próprio valor profissional.”

Há que se pensar maneiras de se encontrar o melhor caminho, e esta escolha não pode ser feita acertadamente por outro que não seja um professor que também participe e usufrua desse processo de crescimento pessoal e profissional.

A auto-estima como condição para conviver e aprender - um novo relato

Após as vivências relatadas neste trabalho talvez se tenha a sensação de que a missão foi cumprida, talvez se descubra que o trabalho com a afetividade poderia ser feito de outras maneiras, de novas formas, encontrando novos caminhos.

Infeliz ou felizmente a vida de um professor não é assim, a cada nova turma novos desafios despontam e com eles também surgem novos modos de agir, ainda que alguns princípios se conservem.

Chegamos em 2007 uma nova turma de segunda série, uma nova escola, um novo trabalho.

A turma é composta por vinte e quatro alunos e quando recebi a lista piloto com os nomes, datas de nascimento e etc. percebi que um dos alunos tinha onze anos, bem diferente da média de idade da turma que é de sete a oito anos.

Primeiramente achei que era erro de digitação da secretaria da escola, procurei informações e descobri com pouca alegria que o aluno em questão – Luciano – realmente tinha aquela idade.

Luciano não havia repetido nenhum ano escolar, apenas havia freqüentado uma escola de educação especial durante os quatro anos que sucederam a primeira série, num esforço para que se alfabetizasse e pudesse novamente freqüentar uma turma “regular”.

No primeiro dia de aula não tive como não reconhecê-lo antes mesmo de me apresentar, ele é o aluno mais alto da classe, escolheu um lugar ao fundo da classe

e conseguiu ficar por toda aquela semana sem nos mostrar o rosto por completo devido ao uso do boné.

Diferentemente do que aconteceu com Paola, procurei não me “informar” extra oficialmente com as professoras anteriores de Luciano sobre seus comportamentos em sala de aula, aprendi que os problemas podem ser parecidos, porém, é preciso tomar novas decisões e estas têm de ser tomadas por conta própria e não pela consciência de outros.

O que eu realmente gostaria era de perceber por mim mesma se dificuldades existiam e quais eram elas.

Com o passar do tempo, observei que Luciano já havia conseguido estabelecer relações de amizade com alguns colegas de classe, por esse tempo as reclamações também se estabeleceram de forma bastante acentuadas.

Durante as aulas o aluno se mostrava sempre desatento e com dificuldades em executar as tarefas, especialmente as tarefas em grupo onde tinha reações agressivas e de pouca verbalização. Mas era na hora do recreio que tudo se transformava de maneira quase inacreditável.

Luciano passava a maior parte de seu tempo de intervalo na sala da diretoria, conversando com a diretora a pedido das inspetoras de alunos sob a justificativa de que ele e seus novos colegas torturavam crianças menores, roubavam brinquedos, falavam palavrões, bolinavam as meninas e sempre tinha uma ótima desculpa para tudo isso.

Enquanto isso minha relação com Luciano continuava insípida, eu ainda não havia ouvido sua voz numa conversa direcionada a mim, não tinha conseguido me aproximar e sentia que o aluno era especialmente reticente quanto ao meu toque.

Os problemas e dificuldades saltaram quando as situações vividas no recreio passaram a acontecer também em sala de aula, Luciano estava irritadiço na maioria das vezes desde o início da aula e embora alguns alunos e funcionários da escola o tratassem com extremo desrespeito ele nunca respondeu ou demonstrou algum mal estar por estar sendo tratado dessa forma.

Na tentativa de achar caminhos para amenizar essas dificuldades me peguei novamente refletindo sobre a história vivida com Paola e com essa vivência poderia me trazer subsídios para uma nova empreitada.

Tentei primeiramente conseguir um envolvimento maior do aluno com o grupo, afinal ele era o único aluno da classe que havia vindo de outra escola e tinha outros diferenciais como a idade, a altura e a dificuldade em executar tarefas que crianças mais novas já faziam com habilidade e ainda ouvia da mãe e de algumas pessoas da própria escola:

“Este não vai dar nada mesmo, se nessa idade ainda está na segunda série... Nem precisa perder tempo.”

Ofereci trabalhos em grupos para que todos nós da classe pudéssemos descobrir um motivo real para que Luciano fosse reconhecido por uma situação boa e não só pelos horrores que vinham acontecendo no recreio.

Pensando sobre isso me refleti sobre como o autoconceito de Luciano vinha sendo construído, pensei nos motivos pelos quais ele aceitava que o tratassem de tal maneira.

O autoconceito se constrói através de informações recebidas de outros e nas interações e eu sentia que precisava oportunizar novas e diferentes interações na tentativa de que o aluno conseguisse enxergar em si maior valor e não acreditasse nas vozes da incapacidade.

E assim, eu passei a observá-lo na maioria das atividades da classe, percebi que suas dificuldades maiores residiam nos processos da escrita, porém seu raciocínio matemático era aguçado e muito ativo, mas ainda aquém dos colegas de classe.

Passei a oferecer algumas atividades matemáticas em grupos pequenos na tentativa de que seus colegas percebessem outras aptidões em Luciano que não as de saber brigar ou assediar as meninas da escola.

Os relacionamentos não foram fáceis, e tive também de trabalhar com as outras crianças as diferenças entre as pessoas e a aceitação dessas diferenças, acredito que a classe respondeu muito bem a este trabalho, pois já não o chamavam por apelidos durante as aulas e já o convidavam para participar de algumas brincadeiras combinadas.

Luciano por sua vez, continuava executando suas tarefas, na maioria das vezes sem conseguir terminá-las e o que mais me incomodava era o seu silêncio comigo e a resistência ao toque.

Já estávamos no mês de maio e eu já não via mais caminhos alternativos para conquistá-lo ou para que seus comportamentos se transformassem, senti certo desânimo e cheguei a pensar que não estava conseguindo nada com as atitudes que eu acreditava serem positivas, pois o aluno continuava com grande déficit de aprendizagem, um possível desconforto social e poucas interações positivas em sala de aula.

Esses pensamentos me ocupavam durante as aulas e eu o observava tentando encontrar quase que "telepaticamente" um caminho para que a situação melhorasse.

Eu estava à lousa passando uma atividade de matemática quando uma voz que eu nunca tinha ouvido antes me chamou e disse:

“Professora, você ainda não deu o calendário do mês de maio, você vai dar hoje?”

Aquela era a voz de Luciano, pode parecer tão pouco o que ele me disse, mas fiquei encantada da devolutiva que ele tinha me dado.

Nessa fala percebi que algumas atividades faziam diferença pra ele e que ele finalmente considerava a hipótese de aceitar a minha aproximação ou o meu toque.

Fiquei quieta por alguns segundos, depois respondi:

“Que bom que você se lembrou disso, eu realmente tinha me esquecido de trazer o calendário.”

Foi a primeira vez que eu vi um sorriso direcionado a mim naquele rosto.

No outro dia não poderia ser diferente, levei a atividade do calendário que fazíamos todo mês e pedi que Luciano me fizesse o favor de entregá-las aos alunos da classe, uma das crianças comentou:

“Hoje é o Luciano que entrega porque foi ele quem se lembrou.”

Nesse momento olhei para Luciano para observar sua reação quanto ao comentário do colega e novamente vi um leve sorriso em seu rosto.

Eu nunca tinha visto uma atividade feita por Luciano com tamanha atenção, na maioria das vezes ele iniciava uma atividade e se esquecia dela com a facilidade de quem se levanta para apontar lápis, então passeava pela classe e não terminava nenhuma atividade proposta.

Pela primeira vez o aluno se levantou para me mostrar a atividade concluída e pedir minha aprovação, embora ainda não o olhasse nos olhos em nenhuma circunstância. E assim começou a acontecer com as atividades da classe.

As transformações não são assim tão nítidas e tão profundas em tão pouco tempo, sendo assim, Luciano continuava a passar seus intervalos na diretoria a cada novo descumprimento de regras e lá ouvia todos os questionamentos e advertências que a direção oferecia, sempre em silêncio, não esboçava nenhuma reação, não se acusava e nem se defendia e essa era uma situação que também incomodava a diretora da escola que dizia:

“Esse menino precisa tentar se expressar, falar alguma coisa... Reclamar.”

Tentamos uma conversa com a mãe e durante esta conversa percebemos que Luciano era completamente diferente em casa, falava muito, discutia com os irmãos e até cantava, mas nunca contava nada sobre os acontecimentos da escola. Observamos também que a família apresentava tendências a aceitação de um comportamento permissivo e que, portanto, oferecia poucos limites a Luciano.

Pensei então que o aluno precisava receber da escola as duas faces da afetividade, a face que oferece subsídios para a construção de uma auto-estima saudável e a face que oferece os limites necessários à aprendizagem da convivência como apresenta Cláudio Saltini:

“Sempre me pareceu que a educação se faz com duas mãos: a mão que dá aconchego, o prazer, o amor e a outra que frustra, desafia impõe e limita. Se porventura exagero qualquer uma das mãos estou errando na educação que me proponho fazer. Por isso não posso frustrar muito uma criança, nem acalentá-la demais.”
pág.81

Que bom seria se cada um de nos soubéssemos sempre a medida exata de acalento e frustração que devemos “administrar” aos nossos alunos. Os relacionamentos são sempre cheios de acalentos e frustrações e não se ode saber

ainda se exageramos em um ou outro ponto, o que pode haver é a vontade de se construir seres humanos melhores, mais confiantes, menos arrogantes.

Luciano continuava sua saga de "infrações" durante o intervalo com o diferencial de que agora ele já me contava o que acontecia e começava a dizer que realmente não teve culpa, um dia me disse que as inspetoras nem perguntavam mais o que tinha acontecido, só olhavam pra ele e o mandavam pra diretoria.

Depois dessa conversa percebi que Luciano já se incomodava com o fato de que algumas pessoas não o ouviam, como se a sua versão dos fatos não importasse muito, em outras palavras, um ótimo sinal.

Conversei novamente com a direção da escola pode tomar outra postura em relação a Luciano e, depois de algum tempo, descobrimos que ele tinha mesmo o que dizer.

Numa tarde em meados do mês de junho, recebi a notícia que no horário de entrada alguns de meus alunos haviam colocado fogo numa das lixeiras da escola, que conseqüentemente teve seu tamanho reduzido pela metade. Depois de muitas acusações, gente que viu, gente que pensava ter visto e todo o tumulto do acontecimento alguns alunos suspeitos, inclusive Luciano foram chamados à diretoria para dar explicações sobre o acontecimento.

Pela primeira e única vez até o momento Luciano me olhou nos olhos e disse:

"Professora, desta vez eu não fiz isso, eu nem estava na escola, você acredita no que eu to falando, né?"

Respondi que acreditava no que estava me dizendo mesmo assim ele teria de dar explicações já que estava sendo chamado para isso, e assim ele fez, foi até a diretoria e dessa vez não ficou quieto, conseguiu se defender e contar que estava sendo acusado injustamente.

Em conversa posterior com a diretora da escola soube que Luciano expressou seu contentamento em saber que sua professora acreditava no que ele havia dito:

“A minha professora acreditou que eu falei a verdade, se você não acreditar pode perguntar pra ela!”

Depois de tomar conhecimento de tudo o que Luciano tinha vivido naquele dia e durante todo aquele tempo na escola “regular” compreendi que havia conseguido me tornar figura significativa para ele, e agora tinha de dar continuidade ao trabalho com o desenvolvimento de sua auto-estima, seu autoconceito, sua auto-imagem e os limites de que ele precisava para que continue a constituir-se como pessoa que é capaz de conviver e de aprender.

Existe muito do relato de Paola neste relato de Luciano, com Paola consegui finalizar a “história” porque o ano letivo acabou e junto com ele aquela convivência que me fazia aprender tanto; Com Luciano ainda tenho um longo caminho pela frente, provavelmente vou cometer novos erros, novos acertos e vou aprender mais um pouco.

Um trabalho que tenha como objetivo o olhar atento à formação de seres humano em suas dimensões afetivas proporciona não só um novo conhecimento aos alunos como também ao professor que inicia junto com as crianças uma jornada de autoconhecimento no sentido em que lida também com seus medos e sucessos, incertezas e frustrações e acima de tudo, aprende dos outros e dele mesmo.

As tentativas fazem parte do aprendizado do aluno e do professor, as frustrações também, mas o que não se pode deixar atrás é a constante busca.

Quando buscamos ser melhores na vida e no trabalho em educação conseguimos resultados melhores também nessas duas dimensões, pessoas que

desejam ser melhores têm maiores condições de participar da formação de outras pessoas melhores.

Educar não é um ato natural, há que se tentar sempre, melhorar sempre, conhecer sempre e nunca desistir.

Considerações Finais

As questões sobre o desenvolvimento do autoconceito, da auto-imagem e da auto-estima serão sempre importantes para a formação do ser humano integrado que pensa e sente sem que estas duas dimensões sejam dissociadas.

Os casos que relatei não apresentam a melhor forma de se trabalhar com tais questões, mas apontam caminhos que podem facilitar a jornada.

Ainda é preciso mais que boa vontade para se fazer um bom trabalho, há a necessidade de reflexão, estudo, exercício e paciência para que se obtenham resultados significativos.

Tenho certeza de que muitos outros alunos precisavam e ainda precisam ser vistos com novos olhares sobre suas emoções e a influência delas na sua aprendizagem e na sua vida, infelizmente ainda não me é possível identificar e trabalhar com as dificuldades de todos, porém, sinto certo acalento em saber que desenvolvi o trabalho com aqueles que pude.

Acredito que a face mais gratificante resida no fato de que quando se atenta para a afetividade e a auto-estima não se transforma o aluno somente, transforma-se também o professor que cresce e aprende de seus próprios medos, inseguranças, incertezas além de aprender também que quanto mais humana for sua relação estabelecida com os alunos mais humana é sua relação consigo mesmo.

Quanto mais fizer pelo desenvolvimento pleno da auto-estima, do autoconceito e da auto-imagem de seus alunos mais será recompensado com um

maior autoconhecimento e vai entender que a escola é lugar de formação de seres humanos, alunos ou professores.

Finalizando, gostaria de emprestar as palavras de Cláudio Saltini que também usei como epígrafe, esta reflexão tem me acompanhado e essa companhia tem feito a diferença na minha vida e na vida de meus alunos:

"As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores." pág. 15

Bibliografia

SASTRE, Genoveva, **MORENO**, Montserrat. *O Significado Afetivo e Cognitivo das Ações*. In Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas/ Valéria Amorim Arantes (org). São Paulo: Summus, 2003. (Coleção na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas)

SALTINI, Cláudio J.P., *Afetividade & Inteligência: A Emoção na Educação*. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002

MOYSÉS, Lúcia, *A Auto Estima se Constrói Passo a Passo* – Campinas, SP: Papyrus, 2001.- Coleção Papyrus Educação

ARAÚJO, Maria C.C., *O autoconceito nos contextos: familiar, social e escolar*. Campinas, 2002. Orientador: Valério J. Arantes. Dissertação (mestrado) Unicamp. Faculdade de Educação.

KOHL , Marta O., **REGO**, Teresa C. *Vygostky e as Complexas Relações entre Cognição e Afetividade*. In Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas/ Valéria Amorim Arantes (org). São Paulo: Summus, 2003. (Coleção na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas)

ARANTES, Valéria A. *Afetividade, Cognição e Moralidade Na perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento*. In Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas/ Valéria Amorim Arantes (org). São Paulo: Summus, 2003. (Coleção na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas)